

## O que a *Afro - Ásia* tem? África na revista do Centro de Estudos Afro-Orientais (1965-1995)

Luiza Nascimento dos Reis\*

**Resumo:** Este texto busca constituir panorama da(s) abordagem(ns) sobre África(s) apresentada(s) nas publicações da *Afro – Ásia*, a revista do Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), durante seus primeiros anos de funcionamento, desde 1965 até 1995. Os artigos publicados foram marcados por conjunturas relacionadas à história e trajetória do Centro de Estudos, aos editores responsáveis pela revista. A busca de *raízes (culturais) africanas*, da África que mantém relações com o Brasil e a África encontrada no Brasil (*sobrevivências africanas*) foram os estudos privilegiados neste periódico. Interessa construir um perfil da revista *Afro – Ásia*, ao longo desses trinta anos, no que tange à sua parte *Afro*, ou seja, a secção mais expressiva e refletir sobre contribuições e silêncios.

**Palavras-chave:** *Afro - Ásia*; CEAO; estudos *africanistas* no Brasil, Relações Brasil-África

**Abstract:** This text looks for to constitute panorama of the approach on Africa presented in the publications of *Afro-Asia*, the magazine of the Center of Afro-Oriental Studies (CEAO) of the Federal University of Bahia (UFBA), during their first years of operation, since 1965 up to 1995. The published goods were marked by conjunctures related to the history and path of the Center of Studies, to the responsible editors for the magazine. The search of roots Africans, of Africa that maintains relationships with Brazil and Africa found in Brazil (African survivals) they were the privileged studies in this newspaper. Interests to build a profile of the magazine *Afro-Asia*, along those thirty years, with respect to his part *Afro*, in other words, the most expressive secção and to contemplate on contributions and silences.

**Key-Words:** *Afro - Asia*; CEAO; studies *africanistas* in Brazil, relationships with Brazil-África.

### Apresentação

A *Afro-Ásia* é a Revista do Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) da Universidade Federal da Bahia. Sua existência data de 1965, embora o primeiro número só tenha circulado no ano seguinte, pelo menos, entre os intelectuais do próprio Centro de Estudos. Para os professores-pesquisadores ligados ao CEAO, os votos de louvor dedicados a revista e registrados em ata, significavam um novo ânimo para o Centro de Estudos Afro-Orientais que, naquele ano (1965), completaria seis anos de existência, realizando suas

---

\* Mestranda no Programa de Estudos Étnicos e Africanos/UFBA. Possui graduação em História (UESC) e Especialização em Educação e Relações Étnico-Raciais (UESC). Atualmente desenvolve pesquisa intitulada *Centro de Estudos Afro-Orientais: intercâmbio acadêmico e cultural entre Brasil e África (1959-1982)*. Bolsista da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado da Bahia. Contato: [luizanr@hotmail.com](mailto:luizanr@hotmail.com)

atividades em meio a uma série de dificuldades. A revista trazia inicialmente a proposta de divulgar pesquisas e estudos realizados pelo Centro, tanto dedicados ao continente africano como ao asiático.

Trata-se da primeira publicação, desta natureza, existente no Brasil e na América Latina. A década de 1960 foi marcada pelo alcance de autonomia política da maioria das nações africanas e asiáticas antes mantidas sob jugo colonial. Informações acerca de África e do desenrolar desse processo chegavam até a Bahia. A cobertura dada pela imprensa não possuía grande profundidade, eram deslocadas e desconsideravam as questões políticas ou as conexões com o Brasil, como concluiu Anani Dzidzienio (1970) ao analisar o *Jornal da Bahia*, em artigo publicado na *Afro-Ásia*, em 1970. Pesquisas mais recentes a respeito da cobertura dada pela mídia brasileira ao continente africano não demonstram avanços nesses discursos<sup>1</sup>.

A nota editorial que apresenta o primeiro número da revista, ressalta a necessidade de, diante do processo da descolonização dos continentes africano e asiático, conhecer as realidades daquelas *nações jovens e livres*, fora das romantizações e estereótipos, as quais falassem por *suas próprias vozes*. Era necessário trazer à tona tradições e história daqueles povos, fora de abordagens que centravam suas análises a partir da presença colonial. “Muitos preconceitos por certo cairão após a aquisição de tal conhecimento” (*Afro - Ásia*, 1965, 1, p. 5). A revista se propunha a contribuir para uma compreensão mais aprofundada de África e Ásia, de acordo com os esforços que já vinham sendo realizados pelo Centro de Estudos Afro-Orientais que lhe dera origem. Estava lançada a primeira experiência de concentração e publicação de Estudos relacionados à África e Ásia no Brasil. Neste texto, objetiva-se fazer uma reflexão mais ampla acerca da produção dessa revista relacionada aos estudos africanos e, por extensão, aos afro-descendentes.

A existência, atuação do Centro de Estudos e sua publicação eram frutos daquela conjuntura internacional na qual alguns políticos e/ou intelectuais procuravam repensar *o lugar da África* no Brasil e visibilizar suas contribuições. “Principalmente por estarmos conscientes de que muito devemos a tais povos e tais nações e por orgulharmo-nos de tais contribuições...” (*Afro - Ásia*, 1965, 1, p. 6). Nessa investida, relevância especial foi dada a países do continente africano. Naqueles anos, o governo brasileiro, que há cerca de setenta

---

<sup>1</sup> Juvenal de Carvalho (2002) ao atentar para a cobertura dada pela Revista *Veja* ao processo de independência de Angola, entre 1960 e 1970, concluiu pela desinformação e reforço de estereótipos. Marcio Paim (2009), ao investigar a cobertura do conflito de Darfur, no Sudão no periódico *Folha de São Paulo* não observa avanço algum neste sentido.

anos mantinha-se oficialmente no afastamento, promoveu um processo de aproximação política e econômica com alguns países do continente africano. A Política Externa Independente (PEI) de Jânio Quadros e João Goulart, entre 1961 e 1964<sup>2</sup> resultou em ações no âmbito da diplomacia e também no estímulo ao intercâmbio acadêmico que perpassara o Centro baiano. O estabelecimento deste Centro de Estudos, motivado por Agostinho da Silva, um intelectual português radicado no Brasil, fora efetivado com a participação de estudiosos e interessados em cultura afro-brasileira situados na Bahia. Ansiosos por buscarem raízes culturais e históricas de seus objetos de pesquisa no lugar de origem, ou seja, em África, os estudos desses antropólogos, linguistas, etnólogos serão marcantes na *Afro-Ásia*.

O recorte estabelecido entre os anos de 1965 e 1995 corresponde a uma primeira fase da revista<sup>3</sup>, período este, em boa parte, coberto pela pesquisa que vem sendo desenvolvida acerca da atuação do CEAO. De periodicidade, a princípio regular e depois escassa, há um total de 16 números publicados em 11 volumes, os quais trazem artigos, alguns documentos, resenhas de publicações e informações relacionadas às atividades desenvolvidas pelo Centro. Sobressaem textos que abordam questões culturais, sob viés antropológico, com ênfase na religiosidade.

### **1965: a primeira *Afro-Ásia* e suas Áfricas**

A primeira *Afro-Ásia* foi lançada pelo Centro de Estudos Afro-Orientais em 1965, na época sob a direção de Waldir Freitas Oliveira e secretariado por Nelson Araújo, ambos responderam pela editoração da revista. A equipe que a organizara era composta por professores do Centro. Pelo conselho de redação respondiam Vivaldo da Costa Lima, chefe do setor de estudos antropológicos e Guilherme Souza Castro, chefe do setor de informação e intercâmbio. O correspondente da revista no Rio de Janeiro era Flávio Costa, anterior chefe do setor de informação do Centro. No exterior correspondiam Pedro Moacir Maia, da Faculdade de Letras em Dakar, no Senegal e Paulo Fernando de Moraes Farias, do Institute of African Studies, na Universidade de Gana, em Accra. Ambos ocupavam, nesses respectivos lugares, o cargo de leitores brasileiros, atividade instituída naquele período, em algumas universidades africanas, com pesquisadores do Ceao. Maria Conceição Nobre,

---

<sup>2</sup> A Política Externa Independente empreendeu ações para aproximação política, econômica e cultural com países do continente africano visando uma multilateralização da economia brasileira. Embaixadas e Consulados foram estabelecidos, intercâmbio acadêmico fora motivado, dentre outras ações.

<sup>3</sup> A partir de 1996 a *Afro-Ásia* passou a ser editada pelo historiador João José Reis, foi integrada ao Programa de Pós-Graduação em História da UFBA e gozará de ampla autonomia em relação ao CEAO. Os estudos continuam enfatizando África e afro-descendentes e centrados na cultura, mas abordados a partir da perspectiva historiográfica.

correspondente em Angola, mantinha, no início da década de 1960, intenso diálogo com o Centro de Estudos baiano e havia criado em Lobito (Angola), um Centro de Estudos Angolano-brasileiro. Deste modo, todos os envolvidos na publicação da primeira *Afro-Ásia* estavam ligados diretamente a atividades no Centro. Essa relação de pessoas do Ceao no envolvimento da produção da *Afro-Ásia* se mantém na maior parte do período abordado.

As discussões sobre África, nesse número inaugural, perfazem uma abordagem, em certa medida, diversificada. Do total de sete artigos publicados, três discutem diretamente questões relativas ao continente africano. Waldir Freitas Oliveira, também chefe do setor de Estudos Geográficos, inicia as discussões com *Branços e pretos em Angola*, no qual apresenta, pautado em dados estatísticos, as disparidades sociais que os portugueses e nativos experimentavam à época em Luanda, sob o jugo colonial. Embora o autor não enfatizasse esta condição crucial de submissão política, pois se pautava na teoria da democracia racial e do lusotropicalismo, concluiu por um fracasso português que não conseguira realizar lá a obra de democracia racial que, supostamente, houvera realizado no Brasil.

Enquanto questiona-se se temas como colonialismo, e especialmente o caso das colônias portuguesas que estavam na ordem do dia, seriam melhor discutidas na revista, passamos ao artigo de Yeda Pessoa de Castro que publicara suas primeiras impressões acerca de pesquisa que vinha desenvolvendo na Nigéria. Trata-se de *Notícia de uma pesquisa em África*, na qual a autora apontou em linhas gerais os contatos e entrevistas com a comunidades dos retornados em Lagos, descendentes de brasileiros repatriados na Nigéria que afirmavam sua brasilidade. O português arcaico, um dos sinais diacríticos lá presente, era o interesse dessa lingüista que já fazia parte do corpo de pesquisadores do Ceao e conseguira viajar para suas pesquisas de campo após intensas dificuldades.

O terceiro e último artigo sobre África presente no primeiro número da *Afro-Ásia* fora uma conferência realizada por Johildo Lopes de Athaíde, na abertura de um curso intitulado *História da África Negra Pré-Colonial*, realizado no Ceao em 1965, como informa uma nota em rodapé. Seu autor, um professor de História, na altura chefe do Setor de Estudos Históricos do Centro recorreu, em tom poético, a nomes dos criadores da Negritude, como Leopold Sedar Senghor e Aimé Césaire, ao anticolonialismo de Sartre, a historiadores (da Nova História) como Marc Bloc e Henri Pirenne para ressaltar a importância que o movimento de independência política do continente africano significava um momento de afirmação de povos aos quais não se creditava qualquer possibilidade de ação política. Contra mitos que insistiam em selvageria, falta de história e conhecimento, o que se buscava, era uma revisão na História Universal. A descolonização era um fato definitivo para o registro

histórico daquelas pessoas a tanto tempo negligenciadas. A história era apresentada como uma grande ferramenta para a afirmação política do continente africano.

Estas primeiras impressões – no tocante aos temas, aos diferentes olhares, ao tom político - não será recorrente na revista. A questão do colonialismo (e descolonização), tema em evidência nas informações jornalísticas do período por conta do ápice dos processos de descolonização aparece de algum modo. No primeiro texto de maneira implícita. A tentativa de Oliveira em mostrar uma realidade social em Angola parecida com a brasileira, sob a perspectiva freyreana, acaba por expor sua injustiça e no fim, prever e justificar a forte e previsível reação dos *pretos*. Este texto, pela maneira que analisa aspectos sociais (e econômicos) de uma realidade específica em África, é exceção na *Afro-Ásia*. Há de investigar os propósitos que possibilitaram a viagem de Waldir Oliveira a Luanda e sua posterior publicação. No limite, o artigo pode ser um interessante reflexo dos debates no Brasil em torno do impasse em relação às independências dos territórios sob colonização portuguesa e as articulações no Brasil do ditador português Oliveira Salazar para justificar sua manutenção.

Colonização, ou mais precisamente descolonização, fazem-se presentes no terceiro texto, desta vez, com ênfase em seu aspecto político. Os mitos e estereótipos mais marcantes nas abordagens sobre África – selvageria e a-historicidade, são questionados a partir de referenciais do movimento da negritude e da história. Em busca de superá-los, Athaide analisa por uma perspectiva em evidência nos anos 1960, a qual buscava no passado pré-colonial, a autenticidade do continente africano. Finalizar seu texto com uma citação de Cheik Anta Diop é um indício disto. O autor ressalta o desafio para a construção da História da África, trabalho cujas enormes lacunas, já vinham sendo, timidamente, superadas com o trabalho de lingüistas, etnólogos e arqueólogos. Ao enfatizar esta produção centrada na cultura, o autor tocou num ponto que converge com o texto de Yeda Castro.

Observar a manutenção de aspectos culturais - da língua portuguesa - foi o objetivo maior da autora em sua pesquisa na Nigéria. A descoberta da existência de um bairro brasileiro, o Braziliam Quarter, em Lagos, causou grande interesse entre pesquisadores na Bahia que se dedicavam a estudos sobre a africanidade baiana. Logo em 1959, Vivaldo da Costa Lima seguiu junto ao fotógrafo e etnólogo Pierre Verger<sup>4</sup> para Lagos a fim de realizar

---

<sup>4</sup> Pierre Verger, francês instalado na Bahia desde a década de 1940, dedicou-se a fotografar e pesquisar o candomblé baiano. Interessado pela cultura Yorubá e seus contatos pelo Atlântico, tornou-se iniciado na religião na Bahia e no Benin, enveredou por intensas pesquisas que resultaram num amplo estudo histórico e etnográfico publicado com o título de *Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo de Benin e a Bahia de Todos os Santos dos séculos XVII ao XIX*. Além de artigos, deixou amplo acervo de fotografias. A

pesquisas, sendo o primeiro brasileiro a fazê-lo. Assim o texto de Castro, cuja ênfase repousara na observância de semelhanças culturais entre a Bahia e povos na África Ocidental é uma abordagem marcante no decorrer das seguintes publicações da *Afro-Ásia*.

### **Africanidades, brasilidades... africanismos**

Produzida pelo Centro de Estudos Afro-Orientais, a *Afro-Ásia* era, em grande parte, veículo para suas pesquisas e atividades. O Centro havia sido fundado em 1959, na Universidade Federal da Bahia, resultante da articulação de George Agostinho da Silva – português anti-colonialista exilado no Brasil – junto ao reitor Edgar Santos. Havia em fins dos anos 50 uma dimensão internacional de aproximação político-econômico com o continente africano decorrente dos processos de descolonização em curso, bem como uma dimensão regional referente a valorização simbólica das Casas matrizes de Candomblé.

A questão cultural fora marcante para os envolvidos no surgimento e estabelecimento do Ceao e, conseqüentemente, na *Afro-Ásia*. Agostinho da Silva, diretor do Centro até 1961, pensava pela perspectiva de uma “comunidade cultural originada no papel histórico dos lusitanos à época dos descobrimentos” (*Afro-Ásia*, 8/9, 1969, p. 137). Na Bahia, estado que recebera nos tempos coloniais grandes contingentes de africanos e continua, atualmente, tendo o maior percentual de negros no país, foram realizados os primeiros estudos com foco na presença e cultura de africanos e afro-brasileiros<sup>5</sup>. A religiosidade de matriz africana, cuja maior expressão é o candomblé, desde o início do século concentrou a atenção de estudiosos nacionais e estrangeiros. É neste sentido que, a criação de um centro dedicado a estudos africanos<sup>6</sup> na Bahia vinha ao encontro de aspirações nutridas, há bastante tempo neste estado, em entender a origem africana nas expressões da cultura baiana, notadamente, na religiosidade.

Esses pesquisadores contribuirão para a criação do Ceao e da *Afro-Ásia*. Nomes como Vivaldo da Costa Lima, Waldir Freitas Oliveira, Yeda Pessoa Castro, Guilherme de Sousa Castro, jovens investigadores com diferentes formações acadêmicas, no afã de investigar as

---

proximidade de Verger com pessoas do CEAO possibilitou o contato com instituições em África com as quais o Centro estabeleceu intercâmbio.

<sup>5</sup> Raimundo de Nina Rodrigues foi o primeiro a dedicar-se a estudos “afro-brasileiros”, observava, desde fins do século XIX, a presença da cultura africana na Bahia. Outros foram Manoel Quirino, Silvio Romero. A partir dos anos 1930 destacaram-se Édson Carneiro, Artur Ramos e Jorge Amado referindo-se as contribuições africanas para a cultura baiana. Ver J. Bacelar. *Hierarquias das Raças: Negros e Brancos em Salvador*. Rio de Janeiro, Pallas, 2001. pp. 125-141.

<sup>6</sup> Embora o Ceao desde sua fundação abarcasse África e Ásia, o interesse absoluto de seus integrantes era por África. Yeda Castro explica que o Oriente foi integrado ao Centro por conta de verba com esse fim, oriunda da UNESCO. Yeda Pessoa de Castro. *A experiência do CEAO*. Datilografado. s/d.

raízes culturais africanas da cultura brasileira, enveredarão por pesquisas no continente africano. Pode-se afirmar que a religiosidade afro-brasileira foi o motor maior para o desenvolvimento dessas primeiras pesquisas realizadas em países do continente africano pelos pesquisadores baianos. Naquele momento, os povos denominados Yorubás, oriundos da África Ocidental, eram vistos como os que mais haviam influenciado a Bahia e, por conseguinte, o candomblé. Essa ânsia de entender melhor as conexões do Brasil com a África as quais, por conta da religiosidade nunca cessaram, convergiu com a Política Africana estabelecida pelo governo brasileiro que privilegiara aquela parte do continente para o estabelecimento de aproximações econômicas, políticas e culturais, resultando numa articulação que permitira a esses estudiosos baianos irem à África na década de 1960 e realizar seus estudos, posteriormente publicados na *Afro-Ásia*. Assim, a ênfase em questões de ordem cultural é a principal característica das atividades realizadas pelo Centro de Estudos Afro-Orientais e, conseqüentemente, de sua publicação.

Na década de 1960, quando fora criada, sob a gestão de Waldir Freitas Oliveira (1961-1972), a revista, que se propunha a ser semestral, teve publicação ininterrupta, ainda que, a exceção do primeiro número, todos os outros sejam publicações duplas. A partir de 1970, refletindo dificuldades enfrentadas pelo Centro como esvaziamento e falta de recursos, sob as gestões de Guilherme de Sousa Castro (1972-79); Nelson Correia de Araújo (1979 – 81), Yeda Pessoa e Castro (1982 – 1990) e Júlio Braga (1990-1994)<sup>7</sup>, a revista passa a ter grande irregularidade sendo publicada somente em 1976, 1980, 1983, 1992 e 1995.

Nessa primeira fase, como em toda sua trajetória, os estudos dedicados à África e afro-descendentes foram maioria absoluta na revista<sup>8</sup>. Em todos os volumes há a presença de textos que se debruçam sobre questões culturais em relação a África ou aos afro-brasileiros, ou nas conexões entre ambos, África e Bahia. Excetuando-se o primeiro número, todos os seguintes têm textos que abordam a religiosidade com ênfase nas religiões tradicionais africanas e no candomblé brasileiro. O artigo publicado na *Afro-Ásia* de números 4-5, em 1967, por Melville Herskovits permite visibilizar o embasamento dos pesquisadores do Ceao. *Pesquisas etnológicas na Bahia*, palestra proferida pelo referido pesquisador quando da inauguração da Faculdade de Filosofia da Bahia em 1942, que posteriormente comporia uma das faculdades da Universidade Federal da Bahia, discute como a Bahia era um campo fértil para o estudo de *sobrevivências culturais* africanas, especialmente da religião, dado o grande

---

<sup>7</sup> Somente na gestão de Júlio Braga (1990-1994) a *Afro - Ásia* (número 15 e 16, publicadas em 1992 e 1995) tem como editor Gustavo Falcón, alguém que não estava na direção do Centro de Estudos. Em todas as publicações anteriores a edição da revista estava a cargo dos diretores do Ceao.

<sup>8</sup> Textos relativos à Ásia tornam-se escassos. Perfazem apenas cerca de 10% do total de artigos publicados.

contingente de afro-descendentes e da forma harmoniosa que aqui viveriam. Estava em pauta a idéia de aculturação corrente na primeira metade do século, ou seja, o conceito de cultura era entendido algo estanque, estático que poderia ser transposto de um lugar para outro e mantido (CUNHA, 1986). Herskovits evidencia outra perspectiva norteadora dos trabalhos dos pesquisadores do Ceao: a idéia freyreana da democracia racial brasileira.

É neste sentido que os pesquisadores baianos seguiram rumo ao continente africano em busca de verificar a África que era encontrada no Brasil, imbuídos na perspectiva de que Bahia e a Costa Ocidental da África mantinham grandes semelhanças culturais. Essa idéia ganhou novas motivações quando da descoberta da existência de comunidades de africanos que afirmavam a identidade brasileira. Contexto este do surgimento do Ceao e da mobilização desses novos pesquisadores. Seus estudos na África e suas publicações na *Afro-Ásia* evidenciam o olhar sobre determinada parte do continente como lócus das *verdadeiras* raízes africanas da cultura afro-baiana<sup>9</sup>.

Assim Yeda Pessoa de Castro publicou diversos artigos sobre a manutenção do português arcaico pela comunidade de agudas, na Nigéria e sobre a presença de falares africanos no Brasil, Vivaldo da Costa Lima publicou artigos a respeito da religiosidade afro-brasileira, Julio Braga publicou artigos a comunidade de brasileiros no Daomé (atual Benin), e Waldir Freitas teceu considerações a respeito de questões raciais no Brasil e Angola. Sistematizando os textos publicados na *Afro-Ásia*, entre 1965 e 1995, observa-se que a revista discutiu majoritariamente questões culturais entre Bahia e África Ocidental, contemplando, além de religiosidade, temas como lingüística, literatura, arte, história. Do total de artigos dedicados a estudos africanos ou afro-brasileiros, no período abarcado, cerca de 30% foram publicados por pesquisadores do CEAQ. A outra parcela de trabalhos, seguindo a perspectiva do Centro de Estudos, mantém a discussão centrada em questões culturais. Poucos são os textos que referem-se a outros temas como ordem internacional ou a História (sem ênfase na cultura).

Vale destacar dois números especiais. Em 1976 a *Afro-Ásia* prestou homenagem a Roger Bastide ao qual se faz referência em 9 dos 18 textos apresentados. Em 1983, a publicação foi marcada por discussões a respeito de arte e religiosidade afro-brasileira em homenagem a inauguração do Museu Afro-Brasileiro, instituição ligada ao Ceao, criada em

---

<sup>9</sup> A africanidade da cultura baiana, desde o final do século XIX, foi creditada aos povos da África Ocidental, aqui generalizados como nagós ou iorubás. Essa supervalorização marcante na *Afro-Ásia*, em detrimento de povos de origem congo-angola, tem relação com a afirmação histórica da identidade ioruba frente aos colonialistas ingleses e a evidência dessa matriz cultural nas casas de candomblé baianas, além da divulgação por estudiosos, dessa equivocada superioridade.

1982. Diante do conjunto dos artigos analisados, tarefa difícil é separá-los nas categorias de assuntos africanos ou afro-brasileiros, já que, em sua maioria, debruçam-se sobre interfaces entre África e Bahia. Pouquíssimos são os textos que se dedicam somente a questões relativas ao continente africano. Conclui-se, portanto, que a África apresentada na *Afro-Ásia*, entre os anos de 1965 e 1995, está diretamente relacionada a África vista e vivida na Bahia, ou seja, a busca das *sobrevivências africanas*, aquilo que chamou-se *africanismos*.

Textos de natureza política ou econômica não se fizeram presentes na *Afro-Ásia*. Mesmo sendo as décadas de 1960 e 1970 cruciais para a afirmação política dos povos africanos com os processos de independência ou para afro-descendentes como a conquista dos direitos civis nos Estados Unidos, ou ainda diante da forte e histórica repressão imposta aos praticantes de cultos de matriz africana na Bahia, a revista não tratou desses temas. A riqueza cultural do candomblé veio à tona com tais estudos mas, em momento algum, evidenciou-se as dificuldades vivenciadas por essa parcela da população. Uma vírgula pode ser estabelecida na *Afro-Ásia* de 1995, ao trazer o texto de Jônatas Conceição referindo-se a resistência negra, antecipando discussões que marcariam uma nova fase para a revista. Tributários da escola freyreana, que via harmonia entre os diferentes povos no Brasil, o Centro de Estudos através de suas atividades e da *Afro-Ásia* cumpriu o papel de corroborar na imagem internacional divulgada pelo Estado Brasileiro sobre o suposto paraíso racial, como criticara Abdias do Nascimento na década de 1970 (NASCIMENTO, 2002). A grande contribuição dada pelo periódico para visibilização da cultura e religiosidade afro-brasileira no país não se refletiu em discussões mais amplas.

Questionado sobre a ausência de debates políticos nesses estudos, Elisée Soumonni, historiador que dialogou com parte desses pesquisadores na década de 1970 em Ifé, quando cursara o doutorado, a semelhança do que dissera Anani Dzidzienio (MEIHY, 1990), é enfático ao afirmar que no contexto do colonialismo em África, assim como no contexto da ditadura militar no Brasil, as pesquisas antropológicas não sofriam nenhum tipo de repressão, ao contrário daquelas que abordassem questões políticas/econômicas. Evidenciar a riqueza cultural africana e afro-brasileira foi a contribuição da *Afro-Ásia*.

### **Referências:**

*Afro-Ásia*. (Salvador, 1965-2008)

BACELAR, J. *A hierarquia das raças: Negros e Brancos em Salvador*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

BRAGA, J. Novos Estudos Afro-Brasileiros na Bahia. In: FORMIGLI, A. L. M. et al. (Orgs.) *Parque Metropolitano de Pirajá: história, natureza e cultura*. Salvador: Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu, 1998, pp. 115-121.

CARVALHO, Juvenal de. *Veja: um olhar sobre a independência de Angola*. 2002. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2004.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *A experiência do CEAO*. Datilografado. s/d.

DANTAS, Raimundo de Sousa. *África Difícil: Missão Condenada*. Rio de Janeiro: Leitura, 1965.

DZIDZIENIO, A. África Vista do Brasil. *Afro-Ásia*. Salvador: CEAO, 1970. nº 11-12, pp 79 -97.

FREYRE, G. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 25ª. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1987.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A Colônia Brasilinista: História Oral de vida acadêmica*. São Paulo: Nova Stella, 1990.

NASCIMENTO, Abdias do. Imagem Racial Internacional. In. *O Brasil na mira do Panafricanismo: o genocídio do negro brasileiro e sitiado em Lagos*. Salvador, Edufba/CEAO, 2002.

REIS, Luiza Nascimento. O Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO)- 1959-1964: primeiros momentos de uma aproximação acadêmica Brasil-África. In JOSE, W. D. *Ações Afirmativas na UESC: o programa Bantu-Iê*. Brasília; Ilhéus: SECAD; EDITUS, 2008

SEGURA-RAMIREZ, Hector Fernando. *Revista Estudos Afro-Asiáticos (1978-1997) e relações raciais no Brasil: elementos para o estudo do sub-campo acadêmico das relações raciais no Brasil*. Dissertação de mestrado (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas). Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2000.

SOMBRA SARAIVA, José Flávio. *O lugar da África: A dimensão atlântica da política externa brasileira (de 1946 a nossos dias)*. Editora da Universidade de Brasília, 1996. pp. 60/67.

SOUMONNI, Eliseé. Entrevista gravada, concedida em 14.04.2009.